

AS CONCEPÇÕES DE VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA EM QUINTILIANO

Manuela Ayres BATISTA

(Orientador): Prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira

RESUMO: Como um dos autores antigos que mais se dedicaram ao estudo da linguagem, o mestre de retórica Quintiliano (séc. I), sobretudo no livro VIII de sua *Institutio oratoria*, apresenta uma exposição comentada de termos já antigos para sua época – os arcaísmos –, e de termos novos que amiúde eram introduzidos na língua latina por diversas vias – os neologismos e estrangeirismos –, o que evidencia a existência de uma concepção subjacente de língua e linguagem que assoma quando o autor transmite suas considerações sobre a linguagem da qual deve valer-se o orador para compor seu discurso. Ao abordar o uso de determinados vocábulos, bem como suas implicações e efeitos de sentido alcançados no discurso, Quintiliano deixa entrever certa compreensão sobre fenômenos linguísticos dinâmicos tais como mudança e variação.

Palavras-chave: Letras clássicas; Quintiliano; linguagem; mudança; variação.

Introdução

A linguagem há muito tem sido alvo de investigação e análise entre os mais interessados na comunicação humana e em sua manifestação, as línguas naturais. Desde a antiguidade, estudiosos dedicam-se a observar aspectos variados da linguagem e a descrevê-los sob a forma de tratados e manuais¹. Na civilização greco-romana, havia disciplinas cujo objeto de estudo era a linguagem, como a gramática e a retórica, e que se dedicavam, entre outras coisas, a explorar diversos recursos das línguas grega e latina, visando alcançar domínio e habilidade em seu uso. Dessa forma, tanto seus mestres quanto seus aprendizes muitas vezes, ao longo do processo de ensino e aprendizagem de tais

¹ O primeiro registro que se tem da tentativa de descrição de uma língua no mundo ocidental é o da obra grega *τέχνη γραμματική*, de Dionísio Trácio, entre os séculos I e II a.C., a partir do qual se seguiram outros trabalhos no âmbito dos estudos sobre a linguagem. Entre os latinos, merece destaque a obra de Varrão, contemporâneo de Dionísio, com seu *De lingua Latina*, um tratado composto originalmente por 25 livros dedicados à etimologia, morfologia e sintaxe do latim.

disciplinas e por conta da finalidade para elas postulada², eram levados a refletir sobre o funcionamento da língua a que dedicavam seus estudos. Com isso, é possível observar em tratados de gramática e retórica romanos – nosso particular objeto neste estudo – a existência de uma concepção de linguagem subjacente à produção dessas obras, na qual se percebe, inclusive, a constatação do dinamismo da linguagem. O que a linguística moderna chama hoje de *mudança* e *variação linguísticas*, sistematizadas respectivamente pela linguística histórica e pela sociolinguística, já aparece relatado pelos romanos em seus tratados sobre a linguagem de forma diferente do que temos hoje, mas, como se pretende evidenciar neste estudo, não tão eivada de preconceitos e equívocos como se poderia pensar.

A idéia de que a posição dos antigos quanto às modificações naturais sofridas pela língua não é sempre retrógrada e conservadora vai de encontro ao que afirmam muitos pesquisadores que se dedicam a estudar o mundo antigo. Sobre as diferentes opiniões de estudiosos modernos (a partir do séc. XVI) a respeito da antiguidade clássica, Highet dedica todo um capítulo de seu livro *A tradição clássica* (1976), em que explora as muitas facetas do que ficou conhecido como “A querela entre antigos e modernos”, uma disputa de séculos entre defensores e críticos da sociedade greco-romana. Contrário aos que menosprezam o legado dos antigos, sob a pressuposição de que o homem está sempre progredindo e, portanto, superando seus antepassados, Highet alega que o avanço cultural e científico de nossa sociedade foi prejudicado pela perda de conhecimentos úteis dos antigos que não chegaram até nós. Entre esses conhecimentos, inclui a oratória e a retórica clássicas, que, para ele, permanecem insuperáveis, dentro de seu escopo, dada a abrangência de temas que abarcavam. Uma das contribuições do antigo sistema da oratória, segundo o

² A definição de Quintiliano para gramática e retórica está diretamente relacionada com a atribuição que o autor dá aos mestres de cada uma das disciplinas, bem como com os limites do conteúdo que deve ser incorporado a uma e outra rubrica e a maneira como eram levados a refletir sobre a linguagem. Sobre a primeira, Pereira afirma que “a definição de Gramática apresentada por Quintiliano ([*Instit. orat.*, I,] IV, 1), calcada em Varrão, afirma que ela é ‘a arte de falar corretamente (*recte loquendi scientia*) e a explicação dos poetas (*poetarum enarratio*)’. Sem tocar, no momento, nas implicações dessa concepção de ‘boa linguagem’ ou ‘falar corretamente’, é preciso acrescentar um elemento que chama a atenção na definição de Quintiliano: ela envolve não apenas a consideração dos poetas, como também de todos os outros escritores (*omne scriptorum genus*)” (2006, p. 64-65). Quanto à concepção de retórica em Quintiliano, encontramos uma discussão completa em Vasconcelos, que, baseada na díade ciência/arte para definir a disciplina a que o autor dedica sua obra, afirma: “A finalidade de uma tal ciência/arte é, para Quintiliano, dizer bem. Daí sua definição de retórica como *bene dicendi scientia*, pois tal definição ‘abrange de uma só vez todas as virtudes do discurso e, ao mesmo tempo, o próprio comportamento do orador’ (*Instit. orat.*, II, 15, 34). A expressão *bene dicendi* assume então o duplo sentido de dizer bem, referindo-se à perfeição do discurso, e dizer o bem, referindo-se à perfeição do orador” (2005, p. 61-62).

autor, foi legitimar o emprego da língua falada nos discursos. Ao mencionar a importância da oratória para a descoberta de fatos ligados à língua, Highet corrobora a idéia de que os antigos foram muito além de uma mera observação dos fatos e fenômenos ao seu redor; antes, fizeram importantes constatações que se sustentam até os dias de hoje, inclusive no âmbito dos estudos da linguagem. O autor atribui à oratória, inclusive, um acercamento da linguagem falada, em oposição à linguagem escrita da época. Ora, uma das grandes preocupações dos oradores da antiguidade era manter a clareza de seu discurso, de modo que este fosse compreensível ao público. Para isso, empregavam ao discursar uma linguagem mais próxima do registro oral da época. Tal preocupação já se manifesta em Cícero (séc. I a.C.), modelo oratório do período em questão, quando ele reforça a necessidade por parte dos oradores de se fazerem entender:

“De modo que nas demais artes o mais excelente é o que mais se afasta da compreensão e da inteligência do ignorante, ao passo que na eloquência o desviar-se da maneira corrente de dizer (*vulgari genere orationis*) e do uso consagrado pelo senso comum (*consuetudine communis sensus*) constitui gravíssima falta” (*De Or.*, I, 3, 12).³

A maneira corrente de dizer a que se refere Cícero nessa passagem diz respeito à língua falada. Na arte da oratória, os princípios que regiam a linguagem do orador a aproximavam mais da linguagem oral e estavam baseados no uso que se fazia dela. Ora, se havia mais de uma forma de falar, a ponto de os próprios autores latinos indicarem qual seria a variedade (*sermo*⁴) a se tomar como modelo, tem-se a evidência de que os antigos de certa forma estavam conscientes do dinamismo da linguagem e de sua multiplicidade de formas dentro de um mesmo ambiente.

O próprio Cícero, em carta dirigida a seu amigo Peto, confessa não usar a linguagem da mesma forma em ocasiões diferentes. A distinção que Cícero faz se refere ao gênero em que compõe seus textos, segundo a gravidade da questão e o grau de formalidade. Para ele, portanto, parece haver uma maneira de falar mais adequada a cada tipo de situação, o que confirma sua concordância quanto ao fato de que há mais de uma forma de linguagem existente e que essas múltiplas formas são co-ocorrentes, variando de acordo com critérios como o gênero de escrita ou o tipo de causas no julgamento:

³ Tradução nossa.

⁴ Ao se referir a diferentes formas de linguagem, os latinos costumavam empregar o vocábulo *sermo* seguido de um adjetivo que o qualificava, isto é, que indicava o grupo de pessoas por quem tal variedade era usada, como *sermo quotidianus* (cf. *Br.*, 52, 253) para a linguagem coloquial da cidade de Roma, *sermo urbanus* (cf. *Br.*, 46, 171 *apud* Maurer, 1962, p.143) para a linguagem culta da cidade, *sermo rusticus* (cf. *De or.*, III, 44) para a linguagem do campo etc.

“Mas, para você, o que eu pareço fazer nas cartas? Acaso não pareço usar com você uma linguagem comum? Pois nem sempre emprego a linguagem do mesmo modo. O que há de fato em comum entre a carta e o discurso jurídico ou um encontro de pessoas? Mesmo no julgamento, não estou acostumado a tratá-los todos da mesma maneira. As causas privadas, e as triviais também, eu costumo tratar de maneira mais sutil; as que envolvem a posição social de um homem ou sua reputação certamente em um estilo mais adornado; já as epístolas, costumo compor normalmente com a linguagem do dia a dia (*quotidianis uerbis*)” (*Ad Fam.*, IX, 21, 1).⁵

A percepção da linguagem em Quintiliano

Embora pouco explorado no que diz respeito ao caráter dinâmico da linguagem, Quintiliano, mestre de retórica do século I d.C., é um dos autores de sua época que mais o comentam. Como veremos, o autor não apenas afirma em várias passagens de sua *Institutio oratoria* que a linguagem é passível de modificações, como ainda apresenta, em determinado momento de sua imensa obra sobre a formação do orador, uma análise comentada de trechos escritos em língua latina que apresentam palavras e expressões cuja incorporação ao idioma está em processo inicial ou final⁶. Além disso, ele mesmo não se esquivava de tecer suas próprias considerações sobre a legitimidade de tais ocorrências. Aos termos latinos que se tornaram antigos e obsoletos para sua época e caíram no esquecimento da maior parte das pessoas, sendo retomados apenas por escritores e poetas, Quintiliano chama *arcaísmos*, ou, literalmente, *palavras antigas* (*uerba uetera*). Além disso, o autor apresenta novos termos que amiúde eram introduzidos no latim por vias diferentes: os empréstimos que o latim fazia, sobretudo do grego, chamados *estrangueirismos*, ou *palavras estrangeiras* (*uerba peregrina*), e aqueles criados por diferentes autores, dada a ausência de um termo latino correspondente, os *neologismos*, ou *palavras inventadas* (*uerba ficta*).

O filólogo Rebelo Gonçalves, em sua obra *A influência lexical do grego no latim literário* (1937), categoriza três processos de formação de neologismos de base latina (*vernaculização*), que opõe à simples transliteração de um termo grego em caracteres latinos (*latinização*): a) a extensão de sentido de um termo já existente; b) a composição a partir de radicais latinos; c) a formação de duas ou mais palavras associadas, formando um sintagma. Gonçalves atribui a Quintiliano, se não a vernaculização inédita de termos retóricos gregos, sua ampla divulgação através da *Institutio*:

⁵ Tradução nossa.

⁶ Trata-se do livro VIII da *Institutio oratoria*, que abordaremos em seguida.

“Se [Quintiliano], por si próprio, não foi introdutor dum grande número de termos retóricos no latim, concorreu, com a redação do tratado *De institutione oratoria*, para a divulgação de muitos já latinizados, deixando feita nessa razoável obra profusas citações de termos helênicos e seus correspondentes latinos” (1937, p. 204).

Ao afirmar que Quintiliano difundiu termos já vernaculizados por outros autores, Gonçalves se refere principalmente a Cícero, de quem o autor da *Institutio* recebeu mais influências e a quem considera como um modelo a ser seguido⁷. De fato, o próprio Cícero já havia citado, em sua obra *De oratore*, processos semelhantes de formação de palavras com que o orador contribuía através de seus discursos:

“Há, portanto, três aspectos do vocabulário simples com que o orador contribui quanto ao adorno e ao embelezamento do discurso: palavras raras (*inusitatum uerbum*), neologismos (*nouatum*) e metáforas (*translatum*). As palavras raras são normalmente os arcaísmos (*prisca*) e há muito já foram afastadas do uso cotidiano da linguagem (*usu cotidiani sermonis*). Tais palavras são mais livres na licença dos poetas do que para nós; entretanto, em algumas ocasiões, certo termo poético tem autoridade mesmo na oratória” (*De orat.*, III, 152-153).⁸

Observa-se aqui que, além dos processos de vernaculização por meio do uso de metáforas, para ampliar o sentido de um termo já existente na língua, e por meio de novas cunhagens próprias dos oradores, ambos citados por Gonçalves (1937), Cícero identifica o uso de palavras raras como um recurso que muitas vezes os oradores utilizam para produzir um efeito de adorno e embelezamento no discurso. Contudo, ele reconhece o fato de que muitas palavras da língua latina caíram em desuso com o passar dos anos, razão pela qual passaram a ser chamadas de arcaísmos, e que sua utilização no momento em que se escreve, por remontarem à antiguidade, uma vez que já não se encontram no falar cotidiano de sua época, não deve exceder a eventual licença de que o orador pode valer-se para tomar por empréstimo algumas expressões poéticas obsoletas.

No livro I da *Institutio*, ao estabelecer os tópicos que devem ser estudados na escola do gramático, Quintiliano já apresenta seu juízo sobre as formas não vernáculas da língua, defendendo uma posição que sustentará ao longo de todo

⁷ A figura de Cícero é central na obra de Quintiliano, pois seria aquele o orador que mais se aproxima de certo ideal de perfeição e, portanto, o principal modelo a ser seguido por futuros oradores. Ora, o autor da *Institutio* chega a afirmar em dado momento que, no futuro, o nome de Cícero seria considerado o nome da própria eloquência: “*Apud posteros (...) ut Cicero iam non hominis nomen, sed eloquentiae habeatur*” (*Instit. orat.*, X, 1, 112). O próprio Gonçalves (1937) comenta que, como resultado da influência geral que Cícero exerce sobre Quintiliano, este teria sido responsável pela divulgação de muitos vocábulos gregos latinizados por aquele.

⁸ Tradução nossa.

o tratado. Sobre os arcaísmos, ou formas obsoletas, afirma em certo momento que “conservar termos desusados e abandonados é de certo capricho e uma vaidade em relação a coisas pequenas” (*Instit. orat.* I, 6, 20, *apud* Pereira 2006, p. 146). Se amiúde Quintiliano é tachado de defensor convicto dos antigos como modelos, há que se fazer uma observação aqui pautada no fato observável de que o autor da *Institutio* admira, mas não sem reservas, a língua dos antigos e, ademais, demonstra claramente preferir a linguagem de seu tempo àquela usada nos primórdios e bastante incompreensível para sua época. É válido lembrar sua longa passagem no mesmo livro sobre o uso de arcaísmos:

“As palavras buscadas à antigüidade não apenas possuem grandes defensores, como também conferem ao discurso uma certa majestade, não desprovida de encanto. Com efeito, possuem tanto a autoridade do que é antigo quanto obtêm, por serem desusadas, uma graça semelhante à do que é novo. Mas é preciso moderação, a fim de não se tornarem freqüentes nem darem muito na vista, pois nada é mais detestável que a afetação. Nem, sobretudo, devem elas ser buscadas nos tempos mais remotos e já apagados. (...) *Com efeito, seria quase ridículo preferir a linguagem com a qual os homens falaram àquela com a qual falam. E, seguramente, que outra coisa é uma linguagem antiga (uetus sermo), senão uma velha forma de falar (uetus loquendi consuetudo)?*” (*Instit. orat.*, I, 6, 39-43).⁹

Ao declarar que “uma linguagem antiga” nada mais é do que “uma velha forma de falar”, Quintiliano deixa claro que possui certa percepção da mudança linguística, na medida em que se pode extrair do trecho acima a ideia de que, para o autor, as formas de falar de cada época são válidas naquele momento e correspondem ao uso corrente que se faz da linguagem em um determinado recorte temporal. No entanto, pelo fato de a língua mudar de tempos em tempos, o que era usual no passado se torna antigo em outra época e já não encontra por parte dos falantes mais “modernos” a mesma legitimação, tornando-se, assim, obsoleto.

Da mesma forma, se, por um lado, a língua perde formas que vão ficando obsoletas com o passar dos anos, por outro, incorpora novos termos que enriquecem seu léxico e a adaptam às novas necessidades de comunicação que vão surgindo. Quintiliano reconhece a existência de diversos tipos de palavras, dependendo do estágio de incorporação ao idioma em que se encontram, de seu sentido, sua composição e sua origem, como se vê em trechos como este: “as palavras, tomadas isoladamente (*singula*), ou são nossas (*nostra*) ou estrangeiras (*peregrina*), simples (*simplicia*) ou compostas (*composita*), próprias (*propria*) ou figuradas (*tralata*), correntes (*usitata*) ou forjadas (*ficta*)” (*Instit. orat.*, I, 5, 3, *apud* Pereira 2006, p. 104-105). Sobre as estrangeiras, majoritariamente helênicas, Quintiliano afirma que prefere adaptá-las à norma

⁹ *Apud* Pereira 2006, p. 156-159 (grifo nosso).

latina de declinação de casos até onde lhe convier; contudo, “quem preferir seguir a flexão grega¹⁰, no caso daquelas palavras que se puderem dizer, sem inconveniente, de um ou de outro modo, não falará propriamente latim, mas também não se poderá censurar” (*Instit. orat.*, I, 5, 63-64, *apud* Pereira 2006, p. 131-132). Para ele, trata-se mais de uma questão de gosto pessoal optar pelos estrangeirismos ou pelas formas latinas correspondentes, uma vez que os termos helênicos já haviam alcançado popularidade e se haviam consagrado pelo uso.

Quanto a isso, Quintiliano afirma que a linguagem a ser empregada pelo orador em seus discursos deve ser regida pelo uso consagrado da época, mais do que por uma imitação dos grandes modelos do passado, em geral obsoletos. Acerca do uso, caracteriza-o como “o mais seguro mestre do falar”, para o que recomenda “que se faça, pois, um uso franco da língua como do dinheiro, cuja forma é pública” (*Instit. orat.*, I, 6, 3, *apud* Pereira 2006, p. 138).

Desse modo, Quintiliano apresenta já no livro I um quadro daquilo que se configurará posteriormente como sua visão sobre mudança e variação linguísticas. Percebe-se que ele opta por uma forma de linguagem que não conserve em si tantos matizes arcaicos, uma vez que a preservação do antigo pode tornar a fala incompreensível e a clareza é a principal virtude do discurso (cf. *Instit. orat.*, I, 6, 41). No mesmo sentido, os neologismos, se já ocupam espaço no repertório lexical dos latinos, não são passíveis de censura. O uso, então, passa a ser o fator determinante para tal aceitação, pois não só garante a compreensão do discurso, como ainda estabelece seus próprios padrões quanto à forma de linguagem adequada ao orador em oposição a um modo de falar ultrapassado.

Contudo, é somente no livro VIII, quando retoma os aspectos da linguagem para tratar da elocução (*elocutio*)¹¹, uma das partes do sistema da antiga

¹⁰ Por flexão grega, entende-se, dentro do paradigma de declinação dos nomes no grego, a flexão que os acompanhava, indicando seu caso. Gonçalves aponta para uma adaptação morfológica que comumente se fazia para acomodar os helenismos importados à flexão latina. Desse modo, palavras gregas como *pélagos* frequentemente passavam a ser grafadas *pelagus*, tal qual *uirus*, da segunda declinação latina. Algumas vezes, porém, como o próprio Quintiliano salienta, os autores preferiam manter a flexão grega, como Lucrécio fez com a palavra *pélagos*, o qual, segundo Gonçalves, “empregando-o no acusativo plural, escrevia *pelage*, reprodução literal do plural grego *pélage*, talqualmente escreveu algures *mele*, como correspondente de *méle*, nominativo e acusativo plural de *mélos*” (1937, p. 185). As passagens de Lucrécio citadas por Gonçalves correspondem aos trechos V, 35 e VI, 619 de seu *De rerum natura*. O próprio Quintiliano também usava semelhante expediente ao grafar *rhetorice* em vez de *rhetorica* (cf. *Instit. orat.*, II, 17, 1).

¹¹ Em *Instit. orat.*, VIII, 1, 1, Quintiliano afirma que a elocução se evidencia em palavras isoladas ou em uniões de palavras. Para as primeiras, há que se buscar que sejam latinas (*Latina*), claras (*perspicua*) e adornadas (*ornata*). As expressões formadas por combinação de palavras devem atentar para a correção, bem como para sua colocação no discurso e sua configuração artística. De todos os modos, a elocução figura no quadro retórico como a parte da eloquência que

retórica, que o autor se detém em conceituar os arcaísmos e neologismos, apresentando, além de exemplos para cada uma das rubricas, as situações em que considera conveniente tanto seu uso como sua supressão.

Arcaísmos e neologismos no livro VIII

Quintiliano inicia o trecho de sua obra em que se dedica a falar detidamente sobre formas não vernáculas da língua latina apresentando situações em que julga pertinente o uso de termos arcaicos, uma vez que, da forma como são usados pelo poeta Virgílio (séc. I a.C.), adornam a linguagem e conferem autoridade ao discurso:

“Não obstante, como existem palavras próprias (*propria*), neologismos (*ficta*) e metáforas (*translata*), a antiguidade dá autoridade às próprias. Com efeito, elas tornam o discurso mais elevado e admirável, das quais não se serviria qualquer um. Deste ornamento valeu-se de modo único o poeta Virgílio, com seu discernimento extremamente agudo. Ora, expressões tais como *olli*, *quianam*, *moerus*, *pone* e *porricerent* conferem a esta arte [a poesia] a inimitável autoridade do arcaico (*uetustatis auctoritatem*), que também cabe muito bem na pintura” (*Instit. orat.*, VIII, 3, 24-25).¹²

Apesar de serem admissíveis em determinados casos, nem sempre os arcaísmos contribuem para adornar o discurso. Nesse aspecto, Quintiliano entra em consonância com Cícero, que, em seu *De oratore*, já havia restringido o uso de arcaísmos por parte dos oradores, os quais “não devem (...) empregar palavras já caídas em desuso, a não ser parcamente para adorno do discurso” (III, 39, *apud* Maurer 1962, p. 144). Da mesma forma, seu uso desmedido é alvo de reproche por parte de Quintiliano, que não vê razão no fato de alguns autores de seu tempo insistirem em desenterrar expressões obscuras e de interpretação duvidosa:

“Mas esse traço arcaico não deve ser usado a todo momento nem devem as palavras ser trazidas de volta dos lugares mais obscuros do passado. Demasiado arcaica é a

compreende as virtudes do estilo já citadas por Quintiliano, a saber, a latinidade (ou correção), a clareza e o adorno. Para Russell, o conceito de elocução abrange o tratamento do *decorum*, ou conveniência, pois, segundo Quintiliano (*Instit. orat.*, I, 5, 1), a maioria das pessoas considera a linguagem “apropriada” como parte do adorno, e também das virtudes do estilo, que seria um conceito ao mesmo tempo estético e moral, pois somente o orador que o tomar adequadamente em seu ofício se mostrará um homem de princípios morais (Russell 2001, p. 10).

¹² Vê-se, portanto, que *olli*, *quianam*, *moerus* e *pone* são citados por Quintiliano como arcaísmos já na época de Virgílio e correspondem em seu tempo, respectivamente, ao termos *illi* (“aqueles”), *quoniam* (“porque”), *murus* (“muralha”) e *post* (“atrás”); *porricerent*, do verbo *porricio*, “apresentar em sacrifício” (tradução nossa).

palavra *quaeso* [de *quaero*, “procurar”]: que necessidade há de dizer *quaiso*? E *oppido* [“inteiramente”], ainda que nossos antepassados tenham usado pouco tempo antes de nós, receio que ninguém o tolere mais. Já *antegerio*, que tem o mesmo significado, certamente ninguém empregará, a não ser que se queira chamar a atenção. Que necessidade há para *aerumna* [“miséria”], como se não fosse o bastante dizer *dolor*? *Queo* [“posso”] soa rude; *reor* [“creio”] ainda é suportável; *autumo* [“afirmo”] parece trágico; *prolem* [“cria”] tem seu direito na poesia; *prosapia* [“família”] é insosso. Que mais? Nossa linguagem mudou quase por completo” (*Instit. orat.*, VIII, 3, 25-26).¹³

Nessa passagem, Quintiliano faz uma das afirmações mais importantes sobre a percepção de que a língua sofre naturalmente um processo de mudança, segundo o qual, entre outras coisas, as palavras deixam de se acomodar à linguagem corrente, por já não serem mais usadas, e passam a remeter a tempos remotos. Ora, o próprio autor não questiona o fato de termos usados por seus antepassados não fazerem mais sentido em sua época, mas simplesmente se limita a evitá-los e os substitui por termos mais usuais. A explanação sobre os arcaísmos termina com uma advertência bastante enfática de Quintiliano na qual o autor censura o uso excessivo de palavras arcaicas nos discursos de seu tempo, pois elas já não corresponderiam aos propósitos comunicativos pretendidos por ele:

“Odiosa paixão pelo antigo: pois está acessível a qualquer um e, além disso, é de tal modo péssima que aquele que se dedica a empregar tais palavras [arcaísmos] não acomodará as palavras (*uerba*) às coisas (*rebus*), mas irá trazer de muito longe as coisas às quais estas palavras se referem” (*Instit. orat.*, VIII, 3, 29-30).¹⁴

Assim, vê-se que Quintiliano não apenas parece não lastimar o fato de a língua mudar com o tempo, como ainda chega a ser mais radical ao tratar dos arcaísmos, demonstrando grande intolerância ao fato de estes se terem generalizado em obras da época. Já sobre o costume de criar novas palavras, em muitos casos para vernaculizar termos gregos provenientes de vocabulário técnico, Quintiliano afirma que os latinos não foram inventores tão profícuos quanto os gregos e que mesmo seus antepassados pouco se atreveram nas composições ou nas derivações. As novas formações para o autor podem ainda parecer bastante duras, como é o caso dos neologismos *beatitas* e *beatitudo* (“felicidade”), cunhados por Cícero¹⁵, os quais, na opinião deste, tendem a suavizar-se com o uso. Outro caso de formações duras para o autor da *Institutio* é o das palavras *ens* (“ente”) e *essentia* (“essência”); contudo, Quintiliano não vê por que são em geral rechaçadas com tanta insistência, “senão porque somos juízes iníquos contra nós mesmos e, por isso, padecemos com a pobreza de

¹³ Tradução nossa.

¹⁴ *Idem*.

¹⁵ *Nat. Deor.*, 1, 34, 95, cf. *Instit. orat.*, VIII, 3, 33.

nossa linguagem”¹⁶ (*Instit. orat.*, VIII, 3, 33). Em seguida, Quintiliano lista uma série de palavras que, segundo ele, foram inventadas por autores latinos e ainda teriam um uso bastante restrito, a saber: *piratica* (“roubo de piratas”), *musica* (“música”), *fabrica* (“oficina”), *fauor* (“favor”) e *urbanus* (“da cidade grande”), os dois últimos atribuídos a Cícero, *obsequium* (“obediência”), *ceruix* (“nuca”) e ainda a expressão *albenti caelo* (“ao raiar a alvorada”). Essas e outras são formações legitimadas por Quintiliano, visto que para ele é válido o orador tentar criar novas palavras:

“Na verdade, não estou de acordo com Celso¹⁷, que proíbe ao orador formar novas palavras (...) quando, pois, deixou de ser lícito fazer derivações, formar flexões, declinar e conjugar, tudo isso que foi concedido às gerações posteriores [a ele]?” (*Instit. orat.*, VIII, 3, 35).¹⁸

A tais expressões, a única ressalva que faz Quintiliano é com relação a formas mais ousadas, para o que recomenda que se lhes antepõem as seguintes fórmulas: *ut ita dicam* (“por assim dizer”), *si licet dicere* (“se é lícito dizer”), *quodam modo* (“de certo modo”), *permittite mihi sic uti* (“permitam-me assim dizer”). Dessa forma, havendo certa cautela por parte do orador no sentido de não causar impacto com formas novas demais, fica-lhe permitido arriscar criações próprias no contexto em que são necessárias.

A recepção do livro VIII na modernidade

Ainda sobre o mesmo livro, pouco explorado em comparação com os demais da *Institutio*, Leddy (1953) evidencia uma leitura que ultrapassa os aspectos normalmente tratados pelos estudiosos de Quintiliano. Ao contrário dos que analisam a obra apenas sob o ponto de vista da retórica, segundo o qual o livro em questão estaria introduzindo o conceito de elocução, Leddy percebe que se trata de um momento de fixação de padrões linguísticos, em que Quintiliano faz a distinção entre o que é seguir seus antecessores como modelos oratórios e o que é reproduzir sua língua, sendo que este último é descartado pelo autor. Há, portanto, uma importante consideração linguística na fala de Quintiliano, observada por Leddy, através da recusa do autor em preservar termos arcaicos de modo abrangente nas obras de seu tempo. Embora recomende a leitura de escritores mais antigos como forma de fixar modelos a

¹⁶ Tradução nossa.

¹⁷ Celso Aurélio Cornélio, retórico contemporâneo de Quintiliano.

¹⁸ Tradução nossa.

serem seguidos, segundo o princípio da imitação (*imitatio*)¹⁹, Quintiliano não se prenderia tanto à antiguidade no aspecto linguístico, defendendo, antes, um uso de língua que se aproxime mais do uso de sua época e possa ser compreendido pelo público em geral, isto é, que esteja de acordo com o “gosto da época e a habilidade do autor com a linguagem”. Para Leddy, portanto, fica claro no livro VIII que Quintiliano não toma a língua dos antigos como um padrão (1953, p. 55).

Ainda nesse aspecto, Leddy procura rebater aqueles que julgam Quintiliano como tradicionalista e avesso a mudanças. No artigo, o autor defende que a escolha de Cícero como o modelo mais próximo do ideal não indica conservadorismo da parte de Quintiliano, mas sim apreço por aquilo que é bom e deve ser valorizado independentemente da época. Além disso, Quintiliano também defende seus contemporâneos quando julga serem eles dignos de reconhecimento. Por fim, Leddy lembra que, embora se aplique à leitura dos antigos, o próprio Quintiliano não demonstra a mesma valorização quanto à sua linguagem, para o que recomenda, antes, um uso menos arcaico:

“Há certa tendência entre os leitores de Quintiliano a assumir que se trata de um típico tradicionalista, particularmente porque ele prefere Cícero aos escritores de seu tempo, mas esse julgamento é equivocado e superficial, uma vez que sua reação contrária a seus contemporâneos não é uma questão de preconceito, mas está baseada em um método racional. Sua preferência tem muito a recomendar sobre seu método, pois quem se negaria a colocar Cícero entre os maiores artistas em prosa da história? Quintiliano explica que, em todos os casos, o modelo principal de alguém não deve ser seu único modelo e se posiciona favoravelmente aos modernos, concedendo-lhes mérito onde possivelmente pode fazê-lo e censurando apenas sua contradição em buscar, em um extremo, construções arcaicas e, em outro, apressar-se em usar as últimas inovações da língua” (Leddy 1953, p. 54).²⁰

Seja para tratar da mudança no nível lexical, seja para asseverar que no latim existem variedades de língua diferentes que são mais ou menos adequadas às circunstâncias, os escritos dos antigos que chegaram a nós mostram que eles compreendiam a língua como um fenômeno passível de mudança (que é definitiva e à qual não se deve apresentar resistência, visto que é determinada pelo uso) e variação (cujo grau de aceitabilidade de termos não vernáculos oscila dependendo do registro em que se está). Para Quintiliano, portanto, a percepção de que a linguagem é um fenômeno dinâmico é de fundamental importância para que ele selecione os critérios que pretende adotar ao definir a língua de que deve valer-se o orador. A forma de falar ideal definida por ele em sua obra se situa, então, no espaço intermediário entre os arcaísmos mais

¹⁹ Sobre o conceito da *imitatio* em Quintiliano, cf. *Instit. orat.*, X, 2.

²⁰ Tradução nossa.

remotos e os neologismos mais recentes, pois, “do mesmo modo que as melhores palavras novas serão principalmente as antigas, as melhores das antigas serão as novas” (*Instit. orat.*, I, 6, 41, *apud* Pereira 2006, p. 157).

Referências Bibliográficas:

- CICERO. (1962). *Brutus et Orator*. Trad. H. M. Hubbell. Harvard University Press, Cambridge.
- _____. (1995). *Letters to his friends*. Trad. W. G. Williams. Harvard University Press, Cambridge.
- _____. (1997). *De oratore*. Trad. H. Rackham. Harvard University Press, Cambridge.
- CICÉRON. (1955). *De finibus bonorum et malorum*. Trad. Jules Martha. Belles Lettres, Paris.
- GONÇALVES, R. (1937). *Filologia e literatura*, Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- HIGHET, G. (1976). *The classical tradition*. 2 ed. Oxford University Press, New York.
- HUTCHINSON, G. O. (1998). *Cicero's correspondence – a literary study*. Clarendon Press, Oxford.
- LEDDY, J. F. (1953). “Tradition and change in Quintilian”. *Phoenix*, vol. 7, n. 2, p. 47-56.
- MAURER, T. H. (1962). *O problema do latim vulgar*, Acadêmica, Rio de Janeiro.
- PEREIRA, M. A. (2001). “Natureza e lugar dos discursos gramatical e retórico em Cícero e Quintiliano”. *Phaos*, vol. 1, p. 143-157.
- _____. (2006). *Quintiliano gramático: o papel do mestre de gramática na Institutio oratoria*, 2. ed., Humanitas, São Paulo.
- QUINTILIAN. (1996). *Institutio oratoria*. Trad. H. E. Butler. Harvard University Press, Cambridge, 4 vols.
- _____. (2001) *The orator's education – Books 1-2*. Trad. D. Russell. Harvard University Press, London.
- QUINTILIANO. (1996). *Institutio oratoria*. Trad. A. O. Carmona. Publicaciones Universidad Pontificia, Salamanca, 4 vols.
- VASCONCELOS, B. A. (2002). “Quatro princípios de educação oratória segundo Quintiliano”. *Phaos*, vol. 2, p. 205-225.
- _____. (2005). *Ciência do dizer bem: a concepção de retórica de Quintiliano em Institutio oratoria, II, 11-21*, Humanitas, São Paulo.